

## A Construção do Território na Serra da Peneda

Fernando Cerqueira Barros\*

**RESUMO:** A Serra da Peneda localiza-se no Norte de Portugal e caracteriza-se por peculiares regimes agro-pastoris, materializados na prática da transumância vertical.

A comunicação pretende abordar a temática da construção da paisagem, tendo por base as condicionantes geográficas, históricas, culturais, económicas e sociais, das comunidades que habitaram e construíram (n)o território.

Remontando ao período Neolítico os mais antigos vestígios de construção humana, seguimos a via cronológica, de forma a dissecar o palimpsesto civilizacional que sucessivamente ali se sedimentou, com particular incidência no período entre os séculos XVI a XX, altura em que se desenvolveu o sistema territorial ainda hoje genericamente observável, caracterizado pelo uso sazonal do território, entre aldeias situadas a meia encosta e *brandas* implantadas nas cotas mais altas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serra da Peneda; Território; Aldeias; Brandas

**ABSTRACT:** *Serra da Peneda*, located in the north of Portugal, is characterized by peculiar agro pastoral schemes, embodied in the practice of vertical transhumance.

The presentation intends to approach the theme of the landscape construction, based on geographical, historical, cultural, economic and social constraints of the communities that inhabited and built this territory.

Dating back to the Neolithic period, the oldest traces of human construction, we followed the chronological path in order to understand the civilizational palimpsest, with particular focus on the period between the XVI and XX centuries, when the territorial system that even today we generally observed was developed, characterized by its seasonal use between villages settled on the slopes and *brandas* established in higher levels.

---

\* Arquitecto

*(...) o território dista de ser natural, tanto nas cidades como no campo sofreu uma profunda acção transformadora por parte do homem. Uma transformação em que se actua através da construção e do cultivo (...)*<sup>1</sup>

A Serra da Peneda, localizada no Norte de Portugal, caracteriza-se por peculiares regimes agro-pastoris, materializados na prática da transumância vertical. Procuraremos abordar a temática da construção material da paisagem, relacionada com a construção do território, tendo por base as condicionantes geográficas, históricas, culturais, económicas e sociais, das comunidades que habitaram e construíram (n) o território.

## **1 - A Construção do Território**

Rejeitando a concepção de território como realidade intocada, natural, considerá-lo-emos como “grande construção”<sup>2</sup> determinado por um grande conjunto de autores, num âmbito espacial e temporal alargado.

Território e Arquitectura fundem-se num mesmo processo, fundamental para ordenar e expressar. Ambos condicionam-se mutuamente: a geografia condiciona a Arquitectura, por sua vez esta tenta modificá-la, construir um Território ao serviço de um propósito.

É este conjunto de características que transformam o Território, segundo José Mattoso, em “elemento permanente da identidade.”<sup>3</sup> O Território é uma das melhores formas de reconhecer a identidade de determinada civilização; marcado por técnicas construtivas e agrícolas, associado a significados representativos das estruturas sociais, económicas, políticas e/ou religiosas.

## **2 - Enquadramento Geográfico**

*Que extensas serranias, solitárias, juncadas de tojo, de brusca e de fantas, cortadas de ribeiros tortuosos!*<sup>4</sup>

A Serra da Peneda situa-se no interior do Alto-Minho, delimita-se a Sul pelo vale do Lima, a Norte pelo vale do Minho, a Nascente pela fronteira com a Galiza e a Poente pelo vale do Vez. Apresenta um relevo fortemente acidentado, marcado por pronunciados declives e afloramentos rochosos, atingindo os 1416m no cume (Outeiro Maior). Caracterizam-na sucessivos níveis de aplanamento, chãs, localizadas em zonas de altitude superior a 800m. O relevo acidentado compartimenta-a numa densa rede de vales, formando densa rede hidrográfica, que influenciou a fertilidade dos solos.

---

<sup>1</sup> PUIG (2000), p.5

<sup>2</sup> PUIG (2000), p.5

<sup>3</sup> MATTOSO (2010), p.6

<sup>4</sup> VASCONCELOS, SARMENTO (2008), p.20

O clima agreste, marcado por elevadas amplitudes térmicas, origina micro-climas influenciados pelas diferenças altimétricas. “Os invernos são ventosos, agrestes e, muitas vezes, com queda de neve nos territórios mais elevados,”<sup>5</sup> em oposição ao trimestre de Verão, no qual se registam temperaturas elevadas. “À medida que se sobe, as condições climáticas vão-se alterando, havendo um aumento das precipitações e uma diminuição da temperatura média,”<sup>6</sup> facto intimamente relacionado com a espontânea subida dos gados às chãs de altitude na época estival. No coberto vegetal, predominam os matos, urzes e giestas. Em locais situados junto a linhas de água surgem pastos espontâneos, suporte essencial à actividade pastoril.

### **3 - A Evolução Histórica**

**a) Neolítico** - as primeiras edificações conhecidas datam deste período, “vastas necrópoles megalíticas”,<sup>7</sup> que se estendem desde a Portela do Mezio ao planalto de Castro Laboreiro. O facto de serem necrópoles a mais sólida documentação da ocupação deste período, revela-nos uma sociedade com “uma forte religiosidade ligada essencialmente ao fenómeno da morte.”<sup>8</sup> A intencionada localização destas construções, procurando “preferencialmente as chãs de altitude,”<sup>9</sup> torna-as, muito mais que simples construção no território, observando-se a construção de um território, no qual tinham uma importante função no ordenamento. Subsiste um desconhecimento acerca dos locais onde habitariam estas comunidades, supondo-se que seriam “habitats sazonais com recurso preferencial a materiais de construção perecíveis”.<sup>10</sup>

---

<sup>5</sup> CARVALHO (2006), p.141

<sup>6</sup> REY (2000), p.28

<sup>7</sup> BAPTISTA *in* Arqueologia do Parque Nacional Peneda-Gerês

<sup>8</sup> HENRIQUES (1990), p.23

<sup>9</sup> BAPTISTA *in* Arqueologia do Parque Nacional Peneda-Gerês

<sup>10</sup> BAPTISTA (1986), p.99

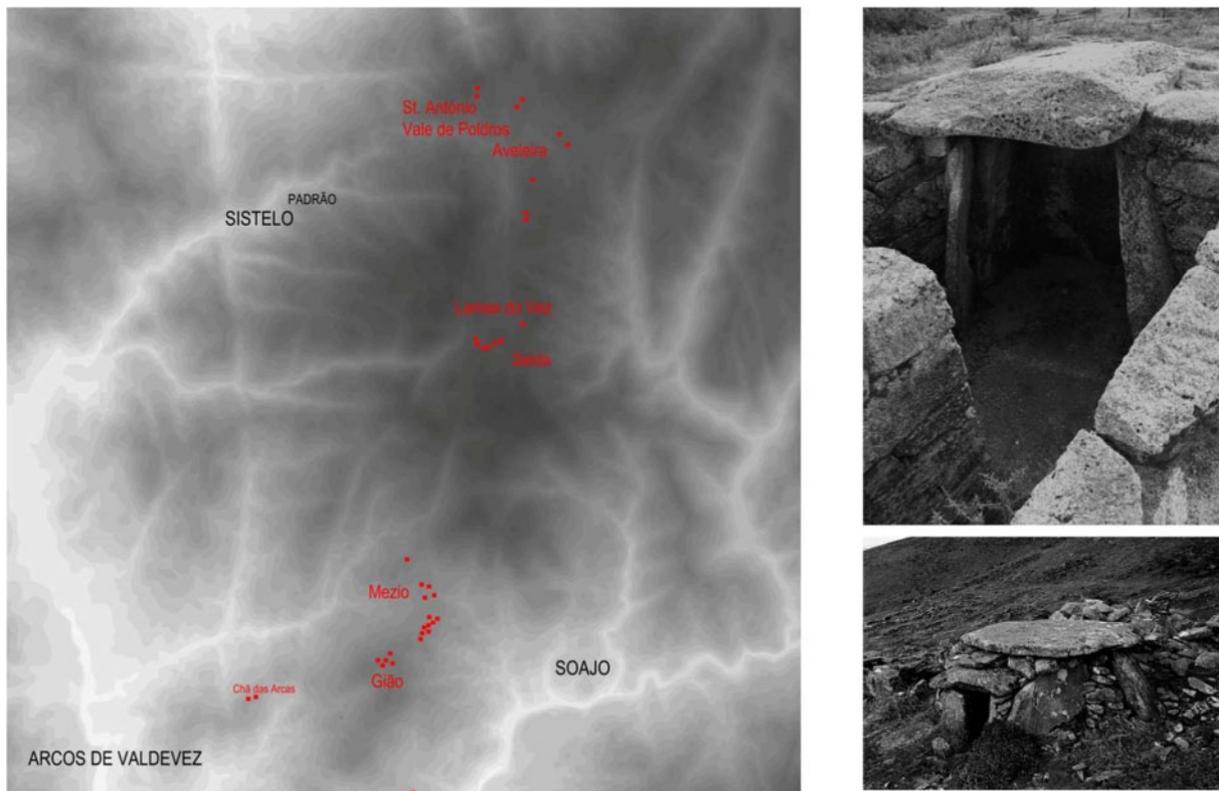


Fig. 1 - Localização de achados megalíticos. Antas do Mezio e de Lamas do Vez.

**b) Cultura Castreja** - a partir “do II Milénio a.C. verifica-se um movimento expansionista das comunidades, em direcção aos vales férteis,”<sup>11</sup> assistindo-se a uma alteração nas lógicas de implantação territorial e técnicas construtivas. A transformação do homem nómada em sedentário, representa a mudança da cabana/abrigo (vegetal) para a perenidade, representada através do granito. Evidencia-se a forma como estabeleciam os seus povoados, castros, situados em posições estratégicas e defensivas, num período em que a sociedade se dividia em tribos, sendo a Serra da Peneda área de fronteira entre *seurbi* (entre Minho e Lima) e *quarqueni* (troço galego do Lima).

Surge uma sociedade que habita “núcleos de povoamento concentrado”<sup>12</sup> dominando um território onde pratica a agricultura e a pastorícia. A sua importância na humanização do território é incontestável, situando-se os seus vestígios nos vales do Vez (Castro das Necessidades, Castro de Álvora, Castro de S. Miguel-o-Anjo) e Lima (margem Sul: Cidade, Cidadelhe; Leijó), ficando as áreas de maior altitude despovoadas, entregues a gestão grupal.

<sup>11</sup> REY (2000), p.30

<sup>12</sup> REY (2000), p.30



Fig. 2 - Castro das Necessidades (Cabreiro). Foto do Autor.

Salientamos a existência de um vestígio, referido por Félix Alves Pereira, no Castro de S. Miguel-o-Anjo, que pode apontar para a origem do uso da falsa cúpula no território, utilizada provavelmente como “abrigo ou curral de gado.”<sup>13</sup> Segundo Elza de Carvalho podemos ainda considerar a existência, neste período, “de abrigos dispersos pelos vales e planícies, utilizados temporariamente por pastores e cultivadores.”<sup>14</sup>

**c) Romanização** - o território da Serra da Peneda apresenta-se, quase na totalidade, como um vazio de vestígios da romanização, contribuindo para tal as suas características geográficas. Salientamos a romanização dos castros e a relevância das mudanças económicas, de direito de propriedade e organização social. Se na maioria dos territórios se verificou a dissolução dos sistemas comunitários, é de admitir que ali se tenha mantido “o direito comunitário céltico sob a forma de livre pastoreio ou de baldio, especialmente em zonas serranas”<sup>15</sup> facto inalienável às sociedades agro-pastoris serranas.

**d) Da queda do Império Romano à Reconquista** - no final do domínio romano sucedem-se tempos de instabilidade, pouco propícios à fixação de populações, o que se

---

<sup>13</sup> REY (2000), p.179

<sup>14</sup> CARVALHO (2006), p.69

<sup>15</sup> CALDAS (1994), p.46

confirma pela ausência de construções desse período, observando-se apenas a influência germânica na toponímia: Cando, Sabadim, Gondoriz, Gontariz e Alvite.

Após o domínio Suevo instala-se o Visigótico (586-711), sucedendo-lhe o islâmico, também de curta duração. É um período ao qual se associam inúmeras lendas, persistindo na cultura local a expressão *mouro*, empregue para justificar construções de origem desconhecida, provavelmente por terem sido a civilização imediatamente anterior. Na zona nascente da serra uma sequência de topónimos e caminhos parece indicar área privilegiada para exércitos invasores: “Branda” do Murço, Chã da Matança, Lamas de Mouro, Rio Mouro e Alcobaça, podem comprovar a existência dessa via, nomeadamente pelo topónimo Murço/Murça, associado ao antropónimo “Muça”, comandante muçulmano que dirigiu incursões a Norte.

A esta conturbada época de finais do I milénio estará associada uma das principais lendas, que permanece na tradição oral das gentes serranas, e aparece referida em algumas publicações.<sup>16</sup> Diz respeito ao lugar de Outeiro Maior e trata-se de uma lenda que refere o início de uma grandiosa construção. Devido à aspreza do lugar onde, segundo a tradição *os feijões não cozem nem as couves ganham cor* (arreda princesa d’Outeiro Maior), a construção foi abandonada, ou segundo outra lenda transferida para o lugar *ermo* e escondido, onde se fundou o Mosteiro de Ermelo. Esta história, nunca comprovada arqueologicamente, estará relacionada com o início da reconquista e o reinado de Ordonho II, da Galiza (910-924) e Leão (914-924) e da sua filha D. Urraca.



**Fig. 3 - Castelo de Santa Cruz. Foto do Autor.**

Este período vem marcar uma nova fase na estruturação territorial, da qual se devem destacar os Castelos do Interior, que serviam de retaguarda ao inimigo islâmico, a sul, e como protecção às linhas de água, vias de penetração de outro invasor (Viking), entre os séc. IX e X. Nesse período destacamos a construção dos Castelos de Fraião e Pena da Rainha (Minho), de Santa Cruz e de Penaguda (Vez) e de Outeiro e Lindoso (Lima).

Esta sucessão de invasores, associada à estabilização e pacificação do território justifica, a partir de finais do primeiro milénio, o aumento de população nas regiões interiores. Segundo Elza Carvalho, “a instabilidade e o ambiente de terror vividos pelas

---

<sup>16</sup> Inquéritos Paroquiais de 1758 ou Corografia Portuguesa

populações da ribeira motivaram que subissem à serra, para lugares mais tranquilos e seguros, recorrendo à prática da pastorícia”<sup>17</sup> facto ao que se acresce a “chegada de comunidades moçárabes”,<sup>18</sup> desejosas de colaborar na reestruturação do território. Assiste-se à expansão das áreas cultivadas e ao incremento da exploração pastoril, comprovado em estudos de Coudé-Gaussen, situando entre os anos 800 e 1000 grandes alterações e substituição do coberto vegetal, causados pela mão humana e provocados pelo aumento do pastoreio, queimadas, corte de mato e arvoredos, ligados ao aumento demográfico e à necessidade de espaços de cultivo e pasto. Na transição do primeiro para o segundo milénio, instalaram-se as comunidades que a partir de então estruturaram, de uma nova forma o território, dando origem ao conjunto de aldeias que, genericamente, permaneceram até aos nossos dias.

**e) Documentação Medieval** - a partir deste período devemos destacar um facto, que repercutiu-se, no dizer de Suzanne Daveau, n”uma das características mais importantes da Serra da Peneda”,<sup>19</sup> ou seja, ter sido território de fronteira a partir do séc.XII.

Localiza-se na sua zona Norte e Poente uma importante via de penetração nos territórios do vale do Vez, que desde as zonas do Laboreiro até aqui chegavam, vindo desde as proximidades da *branda* de Vale de Poldros, até à zona de Sistelo e, daí pelo Porto do Couço, chegando ao Vez. Foi a constante utilização destes caminhos, como percurso de exércitos inimigos e como rota de trabalho das populações locais, que fez com que a partir desse período se verificasse um conhecimento mais efectivo da Serra, conhecimento que explica, em vários documentos medievais, o facto dos habitantes das diversas aldeias e casais existentes serem referidos como “guardadores” de diversos pontos estratégicos.

Datam do Séc. X os mais antigos documentos referentes à região, situando-se do Séc. XIII (1258) aquele que nos dá uma primeira visão global do povoamento: as Inquirições Paroquiais de D. Afonso III, que revelam a nova reordenação territorial. No séc.X (950 e 959), documentos da condessa Mumadona Dias referem Soajo e Várzea e em 991 um documento do Rei Bermudo II de Leão refere “Portella de Vice” (Portela do Vez); Caprarios (Cabreiro), e Tavarga (Tabarca). Já no Séc XI encontramos nova referência a Soajo (Soajo); Capreiros e Tavarca e ao “Castro Sancta Cruce” (castelo de Santa Cruz).

---

<sup>17</sup> CARVALHO (2006), p.79

<sup>18</sup> CARVALHO (2006), p.82,83

<sup>19</sup> DAVEAU (2003), p.81



encontrarmos referência ao *Curial de Lamela* (Cabreiro), actual *branda* de Lamelas, comprovando o uso pastoril da Serra.

Dos documentos régios que nos permitem compreender a génese do Povoamento na Serra da Peneda devemos destacar os Foros, destinados a estender a mancha de povoamento, entre os quais o de D. Dinis relativo a Tabarca (Cabreiro) e a *Carta de Foro de Monte Leboreiro quod vocatur Padron*, de D. Afonso III e datada de 15 de Janeiro de 1271, a seis moradores de Sistello para povoarem e cultivarem o então *monte ermo*, que se encontrava de *fogo morto*.

Não devemos descurar a importância das instituições monásticas, fomentadores de povoamento e responsáveis pela cristianização destes locais. Implantadas a Norte, no Mosteiro de Fiães, e a Sul no Mosteiro de Ermelo, possuíam sítios situados nos pontos mais altos da serra. Em documentos datados possivelmente entre os séculos XIII e XIV, aparecem documentadas possessões em São Bento do Cando e na Pomba, bem como na Bouça dos Homens, Avelreira e Vale de Poldros.<sup>20</sup>

No que diz respeito à divisão administrativa, a serra esteve dividida entre os concelhos de Arcos de Valdevez e Soajo. Destaca-se Carta do Rei D. João I (5 de Março de 1401), na qual de acordo com antiga tradição de que “nhuu fidalgo nem outro poderoso nom moraua nem viuja nem compraua herdamento nehuu na dicta terra”<sup>21</sup> confirma este privilégio, ordenando que “qualquer fidalgo que ora hi tenha algua casa de morada ou outro herdamento que o uenda logo ou faça del seu proueito e que daquy em diante nom more nem viuua mais na dicta terra e Julgado nem aia hi outro herdamento nehuu em nehua maneira.”<sup>22</sup> Esta pode ser uma das principais razões, aliada às características sócio-geográficas do território, para a permanência de fortes laços comunitários.

---

<sup>20</sup> PINTOR (1981)

<sup>21</sup> in Valdevez Medieval, Documentos, Vol.II, p.122

<sup>22</sup> in Valdevez Medieval, Documentos, Vol.II, p.122



Fig. 5 - Pelourinho do Soajo. Foto de Rocha Peixoto, inícios do séc.XX.

**f) Introdução do Milho *Maiz*** (finais do Séc. XVI). Segundo Eugénio de Castro Caldas “não é possível identificar a forma e a cronologia como chegaria ao conhecimento dos povos de Valdevez e da Serra do Soajo a descoberta de novas plantas (...) que, depois de aclimatadas, proporcionariam efeitos revolucionários.”<sup>23</sup> Esta nova cultura veio substituir antigas culturas de sequeiro, trabalhosas e pouco compensadoras. Cultura de regadio necessitou de novas condições, nomeadamente construção de socalcos nas íngremes encostas (para sustar as águas de rega) e de levadas, nova compartimentação do solo, constituição de caminhos de serventia aos campos, etc. Segundo Francisco Morais Sarmiento outra das particularidades da expansão da nova cultura é que ela “existe sempre onde pode existir”,<sup>24</sup> até mesmo nos “pequenos fragmentos de solo entre rochas, que se prestam mal ao manejo do arado e da charrua.”<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> CALDAS (1994), p.111

<sup>24</sup> No Soajo in VASCONCELOS, SARMENTO (2008), p.58

<sup>25</sup> RIBEIRO (1991),p.191



Fig. 6 - Socalcos no Vale do Vez, em Sistelo. Foto do Autor.

Devemos realçar que o aumento de produção reclamou grandes espaços de armazenagem, notando-se a propagação de “espigueiros” (canastro ou caniço) <sup>26</sup> verdadeiro símbolo da introdução do *maiz*, aliada à revolução demográfica, que originou um ciclo vicioso: aumento de produção – aumento de população – necessidade de mais espaços agricultáveis.



Fig. 7 - Espigueiros do Soajo. Foto do Autor.

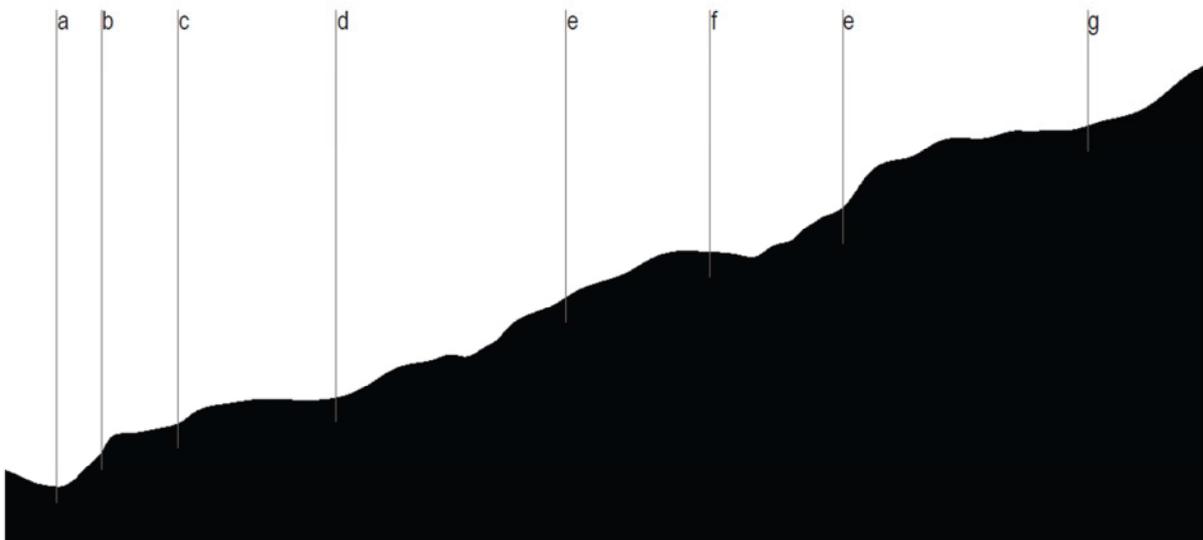
---

<sup>26</sup> Então já existentes, como o comprova iluminura medieval.

**g) Últimas décadas e ruptura no sistema tradicional** - Este ciclo de estabelecimento de comunidades e crescimento prolongou-se até meados do Séc.XX, tendo sido quebrado por diversos factores, nomeadamente a florestação dos baldios, o grande fluxo de emigração (a partir dos anos 50), as alterações sociais, culturais e económicas, etc. Tema suficientemente alargado para outra reflexão, mas que, do ponto de vista das mutações na paisagem que actualmente observamos, são profundamente marcantes.

#### **4 - Lugares e *Brandas*: estruturação territorial de uso sazonal**

*A importância do pastoreio terá sido acentuada com as migrações árabes e berberes o que associada à prática da transumância, resultaria, devido ao clima atlântico, na pequena distância entre cada povoação e a sua própria branda. Estes aldeamentos situados em terras serranas surgiram como forma de assegurar, nos meses de maior calor (Março a Setembro), a actividade agro-pastoril que sustentava a população. A aldeia de Inverno ficava, assim, acessível a deslocações diárias para a sua manutenção e amanho de terras. (José Mattoso)*



Legenda: a- Linha de Água; b- Várzea; c- Campos de Cultivo; d- Lugar; e- Área Florestal; f- "Branda"; g- "Branda"/Plateau Central

**Fig. 8 - Corte Territorial. Desenho do Autor.**

Os fenómenos de uso sazonal do espaço, transumância <sup>27</sup> (entre aldeia e *branda*, entre vale e serra), reflectem o íntimo diálogo das populações com o chão que lhes dá pão, uma compreensão extrema das condicionantes geográficas contra as quais tiveram que lutar, sapiência no uso do tempo e do espaço, hoje em dia em muito dos casos perdida. Da

---

<sup>27</sup> *trans + húmus = através da terra*

distribuição geográfica deste fenómeno, referida em 1939 por Orlando Ribeiro, <sup>28</sup> podemos dizer que nas proximidades do território em estudo, se pratica em Castro Laboreiro (*brandas* e *inverneiras*), Serra Amarela e do Gerês (Currais/Cabanas e *brandas*), na Galiza (Serras do Leboeiro, Quinxo e Santa Eufémia, Serra do Suída) e, mais a Norte, nas Astúrias (*brañas*).

O povoamento da Serra entre o início do segundo milénio e meados do séc. XX foi-se progressivamente instalando e adaptando a realidades e condicionantes, seguindo sempre uma lógica de apropriação desde as faldas e vales periféricos até ao maciço central. No perímetro da serra, instalando-se a meia encosta, encontramos o conjunto das aldeias, e no maciço central, a cotas elevadas, instalam-se os espaços de exploração estival.

A serra divide-se em Unidades Territoriais, exploradas por uma determinada comunidade, observa-se este tipo de povoamento nas freguesias (lugares) de: Sistelo (Porta Cova, Padrão, Sistelo); Cabreiro (Lordelo, Avelar, Vilar, Vilela Seca, Barreiro, outros), Gondoriz (Lombadinha), Carralcova (vários lugares), Cabana Maior (Bouças Donas, Vilela de Lajes e Bostelinhos), Soajo (Adrão, Cunhas, Paradela, Várzea, Vila do Soajo, Vilar de Suento, Vilarinho das Quartas) e Gavieira (Tibo, Rouças, Gavieira, Beleiral e Peneda); identificando-se dois casos particulares a Norte (*brandas* da Azeiteira e de Santo António de Vale de Poldros) pertencentes a Gave, Tangil e Riba de Mouro.

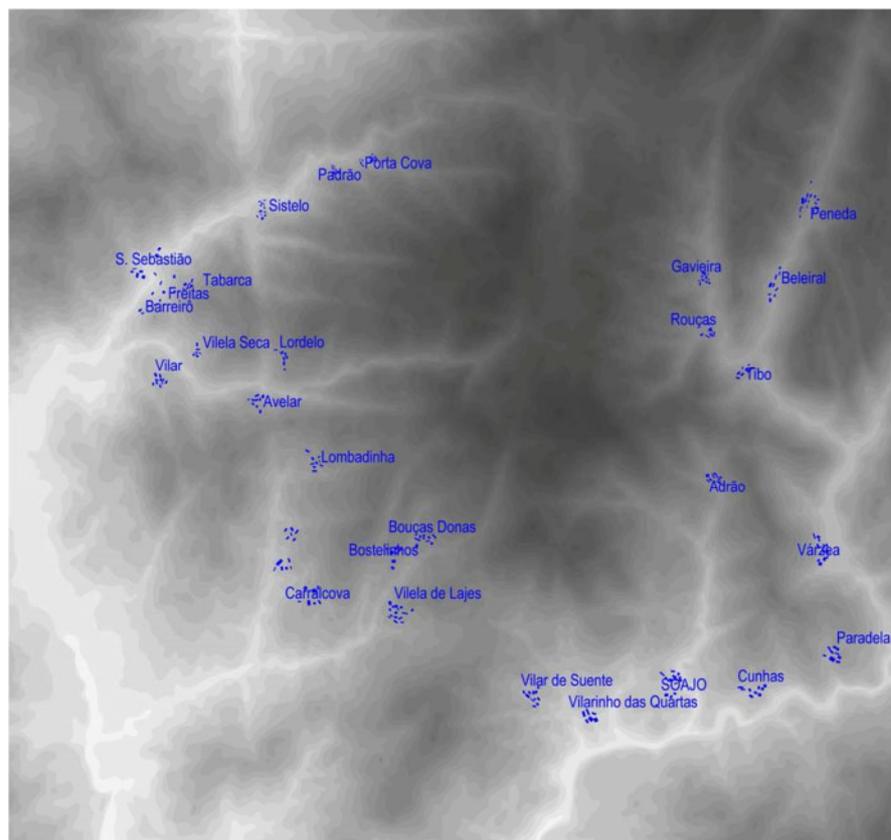


Fig. 9 - Conjunto de Aldeias. Desenho do Autor.

<sup>28</sup> in *Brandas e Inverneiras em Castro Laboreiro*

Sobrepondo-se à subdivisão administrativa, concluímos que a subdivisão territorial que mais se faz notar é a que diz respeito às Unidades Territoriais, encontrando-se em muitos casos sinais de antigas práticas comunitários. A quantidade de linhas de água condicionou o povoamento, associando-se a essa compartimentação (rios, ribeiros e corgas) a subdivisão das Unidades Territoriais. Também por razões geográficas observamos que as aldeias se implantam a cotas intermédias, verificando-se uma ausência de povoados em permanência no maciço central: este foi um dos principais factores que permitiram a exploração estival da zona alta.

Desde a proximidade da linha de água até ao maciço central encontramos a seguinte estruturação: junto à linha de água as várzeas de cultivo e respectivo socalcos. Entre estes e uma primeira zona florestal, a meia encosta e sob solo de menor potencial produtivo, implanta-se a aldeia. Nas zonas mais altas da serra localizam-se os baldios e as *brandas*.

**a) Aldeias** – opondo-se ao povoamento de vale (disperso), em zona serrana o povoamento é concentrado, constituindo aldeias ou lugares (eidos). Em zonas superiores aos 400 metros é assim determinada a fisionomia da paisagem, com dimensão variada, desde as poucas dezenas, até algumas centenas de moradores. Sujeitos a ásperas condicionantes, em território adverso, servido por caminhos de pé-posto, aproximaram-se e optaram por viver de forma concentrada, reforçando laços comunitários, lutando juntos contra a severidade do território.



Fig. 10 - Povoamento Concentrado. Padrão (Sistelo). Foto do Autor.

A aldeia assume-se como centro da vida da comunidade, destacando-se do território envolvente. Polo nuclear, assume-se como rótula (centrífuga e centrípeta) da vivência pessoal e comunitária, assistindo pela manhã à saída para campos e montes, ao fim do dia ao retorno. É o local onde o mundo do trabalho se cruza com outros mundos, a vida em família, o habitar; a vida em comunidade, no largo ou adro, a vida religiosa, na Capela (ou Igreja), etc.

A sua implantação segue, quase em mimetismo, sugestões da geografia; implantam-se em zona rochosa, libertando os solos mais produtivos para o cultivo, aproveitando a penedia para alicerces de construções. Situam-se em transições de pendente, zonas com boa exposição solar de forma a otimizar o armazenamento do cereal (espigueiros). Fugindo às zonas mais baixas (profundas e com menos exposição solar) e às cotas mais elevadas (menos recursos hídricos e nevões nos rigorosos invernos), implantam-se a meia-encosta, em cota variável, entre os 300m (Sistelo ou Soajo) e os 675m (Gavieira), situando-se a média nos 550m. Além de razões geográficas, que lhe impuseram esta implantação, podemos verificar que do ponto de vista da gestão territorial é a mais correcta, estando no ponto intermédio entre zonas mais profundas (cursos de água/várzeas de cultivo) e mais elevadas (baldios/*brandas*).

Algumas constituem agregado mononuclear (Padrão), na proximidade de velhos caminhos tomam a forma alongada (Tabarca), constituem-se em dois núcleos (Porta Cova), ou vários (Soajo, que se constitui como um núcleo agregador da antiga dispersão de núcleos: bairros).

**b) *Brandas*** –dificuldades climatéricas e factores históricos ditaram o uso sazonal da zona mais elevada, sendo a dualidade agricultor / pastor fulcral na procura de pastos para o gado bovino, cujas características de pastoreio é consideravelmente diferente do gado miúdo. A esta dualidade corresponde uma duplicidade de espaços: campo agrícola / área de pasto. A partir da introdução da cultura do milho nas zonas de veiga/várzea verifica-se uma impossibilidade de aí pastarem rebanhos, resultando num incremento da exploração das zonas de montanha, recorrendo-se a pastos estivais na época em que o milho cresce nos campos, ao mesmo tempo que o clima mais fresco das zonas altas propicia a subida até às chãs.

Foi necessário um amplo conhecimento da serra por parte destas comunidades para que nas melhores chãs se implantassem as *brandas*, zonas de grande “disponibilidade de água, de pastagem espontânea, de protecção e boa exposição solar.”<sup>29</sup> Desde há muito explorados para o pastoreio estes locais viram a sua configuração, uso e exploração potenciados após a introdução da cultura do milho *maiz*, dada a procura de novos espaços para o cultivo de cereais de sequeiro (centeio), passando a partir de então, as *brandas* a funcionar como local para o seu cultivo, numa segunda geração, ou antes uma segunda fase na sua configuração, desenvolvendo-se, as *brandas* de cultivo.

---

<sup>29</sup> SILVA, M.; SILVA, F.; ALVES, M.; ROCHA, J. (2010), p.1



**Fig. 11 - Branda do Alhal (Padrão-Sistelo). Foto do Autor.**

Uma das mais antigas referências que encontramos data do séc. XVIII (Inquéritos Paroquiais de 1758), onde além da referência a vários topónimos (“monte da branda da gémea”), se encontram descrições das razões e modo como os “pobres moradores” exploravam esses locais:

*Tem a serra sítios abrigados e com agoa, que nos mezes de Junho, Julho e Agosto produzem muita erva agreste a que chamam feno e ahi tem cazas e cortes a que chamam brandas adonde nos referidos mezes vão (asestir) muitos moradores das vezinhanças da serra com seus gados e criaçoens, fazendo dos leites, natas e manteigas, que vendem pello termo. Há também na serra algumas egoas de criação e muito gado vacuum que ahi pasta todo o anno e nos mezes de Verão quando estão mais gordos, só descem seus donos para vender ordinaraicamente para o açougue. No mês de Setembro cegam o feno ou erva no sítio das brandas e depois da seca encham as cazas dellas e provizam que fazem para comer o gado nos mezes de Inverno.*<sup>30</sup>

*...e no tempo dos mezes de Verão como hé Junho, Julho e Agosto vão os moradores da dita freguezia apascenntar à dita serra o gado vacuum e a maior parte do anno o gado meudo (...) em algumas partes os pobres moradores fazem cachadas para o centeio*

<sup>30</sup> Pároco de Villela, in CAPELA (2005), p.103

(...) e por cauza de lobos os pobres moradores que deitam a fazenda à serra de qualquer qualidade que seja vão goardar de dia e de noute senão elles tudo lhes destroiem.<sup>31</sup>

De carácter pastoril, agrícola, ou misto, em todas as *brandas* encontramos construções, de carácter mais ou menos primitivo, que permitem a pernoita a elementos das comunidades. Podemos distinguir três tipos de *brandas*: de gado; de cultivo; com maior permanência.

**b1) brandas de gado** - situadas em “chãs” de altitude, para onde se deslocam os rebanhos, constituem-se como zonas de pasto e construções (destinadas ao abrigo de pastores e animais). Este conjunto representa, de forma efectiva, a importância do pastoreio na Serra da Peneda, visível na toponímia: Curial de Lamela, Curial do Cuco, Cortes, Pardieiros, Alto das Bezerreiras, Curral do Pai, Curral Coberto, Curral Dianteiro, Curro da Velha, Alto das Cortelhas, etc. A criação de gado é já referida no Séc X, no testamento de Mumadona Dias: “vacas quantas temos na Várzea e no Soajo e quantas possuimos nas encomunhões com os nossos colonos”.



**Fig. 12 - Branda de Lamelas (Cabreiro). Foto do Autor.**

Os gados, feito o Maio (sementeiras) eram levados para as *brandas*, aí permanecendo até ao fim do Verão, meses de Setembro/Outubro (colheitas). Não é, no entanto, rígido este

---

<sup>31</sup> Pároco de Carralcova, in CAPELA (2005), p.32 e 33

sistema. Se Maio é o mês mais comum para a transumância, casos há em que é antecipada para Março. Permitimo-nos, neste ponto, discordar de Raquel Soeiro de Brito, que afirmou ser a “configuração e funcionamento” <sup>32</sup> “idêntico em todas” <sup>33</sup> as *brandas*. Efectivamente isso não corresponde à verdade, uma vez que nem a relação *branda*/aldeia não é constante, nem os meses de mudança. Casos específicos revelam ritmos específicos de transumância; no calendário pastoril do Soajo, pelo Maio, os gados mudavam-se para as chãs da Cabeça e Cova, posteriormente a 11 de Julho (S. Bento), para a Chã da Matança e Felgueira Ruiva, até finais de Agosto quando voltavam à Cova e chã da Cabeça, regressando, finalmente, em Outubro, ao “eido”. Este tipo de mudança, alternada e sequenciada, assiste-se também de Bostelinhos e Bouças Donas (Cabana Maior) para as *brandas* de Burzavô, Bragadela e Bicos, sendo o modo idêntico ao Asturiano, onde existem *brañas* equinociais (Primavera e Outono) e estivais (Verão).

**b2) brandas de cultivo** – constituem áreas de exploração agrícola, apresentando a maioria dupla função (agro-pastoril). A intensificação da exploração da serra, para o seu estabelecimento, deveu-se à introdução do milho, embora não se cultive nestas *brandas* (excepção feita às do Soajo). Verificou-se que, com a ocupação dos terrenos das veigas/várzeas nas zonas de vale, as culturas de sequeiro passaram a ser cultivadas em zonas mais altas, constituindo-se as *brandas* de cultivo. A procura destes novos espaços está também relacionada com o crescimento demográfico verificado.



Fig. 13 - *Branda* do Alhal (Padrão, Sistelo). Foto do Autor.

---

<sup>32</sup> BRITO (1953), p.123

<sup>33</sup> BRITO (1953), p.123

Estes sítios, dada a sua natureza, apresentam-se sempre como áreas humanizadas complementares às aldeias, em alguns dos casos com uso habitacional (pernoita), nas épocas de maior intensidade dos trabalhos. A sua distância à aldeia apresenta-se variável, entre 800m (Lordelo - *branda* de Rodrigo) e os 9,2km (Lordelo - *branda* de Real). As altitudes também variam, situando-se a cotas inferiores às de gado, e cotas consideravelmente superiores às aldeias.

Estas diferenças entre aldeia/*branda*, e entre cada uma das *brandas*, ditou diferentes formas de apropriação, no que diz respeito ao número de meses de utilização e ao tipo de “uso” (sobretudo à pernoita, que não se verificava nas mais próximas das aldeias). Originaram diferentes características no edificado e uma possível confusão no uso do termo, para algumas delas situadas próximas das aldeias e a cotas não muito elevadas, com uso não exclusivamente estival, mas praticamente anual. *Branda* ganha nova amplitude, atribui-se aos locais não apenas pela época do ano em que são utilizados, mas também pela sua morfologia e relação com a aldeia. Segundo Elza Carvalho a expressão é utilizada para “designar, genericamente, todo o ager, que não está, directamente associado ao “surgimento” das parcelas de cultura em torno da povoação e, logicamente, mais afastado do lugar,”<sup>34</sup> alargando-se assim o campo etimológico.

**b3) *brandas* com maior permanência** – freguesia da Gavieira, situada num vale formado pelos Rio Pomba (lugares de Tibo, Rouças e Gavieira) e Peneda (lugares da Peneda e Beleiral), localizados nas zonas baixas do vale e possuindo, em zonas superiores, as *brandas*. Se nos tipos b1) e b2) podemos afirmar que nasceram como espaços de exploração, subsidiárias de aldeias (humanizados posteriormente), nas da Gavieira apresenta-se-nos a particularidade de *brandas* estarem documentalmente referidas antes das aldeias às quais pertencem, caso de S. Bento do Cando (séc. XIV) e Bouça dos Homens. Em termos históricos o povoamento está ligado ao percurso entre os vales do Minho e Lima, caminho de ligação entre os Mosteiros de Ermelo e de Fiães. Certamente que a ancestralidade da humanização destes locais, associado à proximidade geográfica a Castro Laboreiro (duplicidade de povoamento *brandas* / *inverneiras*) não é alheia a esta maior permanência que caracteriza o uso.

Localiza-se na freguesia o Santuário de Nossa Senhora das Neves da Peneda, relacionado com a origem da povoação da Peneda, como lugar de habitação, já em pleno séc. XVIII. No séc.XIX surge o Beleiral, resultando do crescimento da população da Peneda. Pertence-lhes a *branda* da Bouça dos Homens, de origem anterior a estes lugares; como se apropriaram desta *branda* mais antiga é um facto não investigado o suficiente, sendo de crer que a origem dos povoadores da Peneda esteja intimamente relacionada com esta situação.

---

<sup>34</sup> CARVALHO (2006), p.215



Fig. 14 - Santuário da Peneda. Foto do Autor.

No que diz respeito às usanças das *brandas* da Gavieira, como dissemos diferentes das demais no uso e permanência, verifica-se sobretudo pelo carácter habitacional que tem. Ao contrário das de gado (onde apenas pernoitam, à vez, os pastores), ou das de cultivo (em que membros das famílias pernoitavam para guardar o gado e realizar os trabalhos agrícolas), para as *brandas* da Gavieira deslocava-se grande parte do agregado familiar, que aí habitava entre os meses de Maio e Novembro. A casa da aldeia nunca se despovoa, verificando-se a permanência de elementos da família que, juntamente com os restantes, que diariamente percorrem o caminho *branda* / eido, cuidam dos campos e vigiam os pertences.

A aldeia continua a assumir o lugar central da vida familiar uma vez que, apesar de cada família ter duas habitações, é a da aldeia que nunca se despovoa. A maior permanência nestas *brandas* ditou diferenças morfológicas. Ao contrário da dispersão e carácter exclusivamente agrário das *brandas* de cultivo, na da Gavieira observa-se um povoamento concentrado, por exemplo na *branda* da Junqueira, observa-se que as construções se juntam, próximo de uma elevação rochosa, localizando-se as áreas de cultivo numa chã relativamente plana e irrigada.



Fig. 15 - *Branda da Junqueira (Gavieira)*. Foto do Autor.

## Bibliografia

- ANDRADE, Amélia Aguiar; KRUSS, Luis (2000) - *Valdevez Medieval: documentos (Vol. I 950-1299 e Vol. II 1300 -1479)*, Arcos de Valdevez: CMAV.
- BAPTISTA, António Martinho (1986) - *Adenda à notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-D (Arcos de Valdevez) – Arqueologia*. «TERRA DE VALDEVEZ, Boletim Cultural», nº9- 1986. Arcos de Valdevez: GEPA. p. 97-116.
- BAPTISTA, António Martinho (2005) - *Apontamentos sobre as origens do Soajo e Gavieira*. «TERRA DE VAL DE VEZ», nº17-ano 2005. Braga: GEPA. p. 33-45.
- BARROS, Fernando Cerqueira (2013) - *Construção do Território e Arquitectura na Serra da Peneda. Padrão (Sistelo) e as suas brandas - um caso de estudo*. Município de Arcos de Valdevez.
- BRITO, Raquel Soeiro de (1953) *Uma aldeia de Montanha no Minho: O Soajo*, Estudo de Geografia Humana. «Revista da Faculdade de Letras», Tomo XVIII – 2ª Série, nº 1 e 3, Universidade de Lisboa.
- CALDAS, Eugénio de Castro (1994) - *Terra de Valdevez e Montaria do Soajo: Memória Monográfica do concelho de Arcos de Valdevez*, Lisboa: Verbo.

- CAPELA, José Viriato (coord.) (2005) - *As freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de (2004) - *Residência Sazonal na Serra da Peneda – A Gavieira*. «Actas do V Congresso de Geografia Portuguesa», Guimarães: Universidade do Minho.
- CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de (2006) - *Lima Internacional: Paisagens e Espaços de Fronteira*; Tese de Doutoramento em Geografia; Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.
- COSTA, P. António Carvalho (1868) - *Corográfica Portuguesa e descriçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*, Braga: Typografica de Domingos Gonçalves Gouvea.
- DAVEAU, Suzanne (2003) - “*Caminhos e Fronteira na Serra da Peneda. Alguns exemplos nos séculos XV e XVI e na actualidade*”. «Revista da Faculdade de Letras – Geografia», I Série, Vol XIX, Porto. p.81-96.
- HENRIQUES, Pedro Castro (1990) - *Parques e Reservas Naturais de Portugal*, Verbo
- LUARCA, José Ramón Menéndez de; OSORIO, Navia (2000) - *A Construção do Território, Mapa Histórico do Noroeste da Península Ibérica*, España: Lunwerg Editores.
- MATTOSO, José; DAVEAU, Susanne; BELO, Duarte (2010) - *Portugal - O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Samora Correia: Temas & Debates, Círculo de Leitores.
- PINTOR, P. M. A. Bernardo (1981) - *Por Terras de Soajo: São Bento do Cando na freguesia da Gavieira*. «TERRA DE VAL DE VEZ, Boletim Cultural», nº2- II Semestre de 1981, Arcos de Valdevez: GEPA.
- PUIG, Arturo Soria (2000) - *Ensayo Introductorio in* LUARCA, José Ramón Menéndez de; OSORIO, Navia. «La Construcción del Territorio. Mapa Histórico del Noroeste de la Península Ibérica».
- RIBEIRO, Orlando (1991) - *Opúsculos Geográficos IV Volume, O Mundo Rural*, Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, Orlando (1995) - *Opúsculos Geográficos VI Volume, Estudos Regionais*, Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian.
- REY, Juan (2000) - *Território e Povoamento*. «Cadernos de Montanha Peneda 1».
- SILVA, M.A; SILVA, F.A.;ALVES, M.I.C.; ROCHA, J.G. (2010) - *As Brandas de Gado da Serra da Peneda e da Serra do Soajo*.
- TAVARES, Alcinda Frutuosa (2006) - *A Paisagem – Alguns aspectos relativos à análise da paisagem*, Parque Nacional da Peneda Gerês
- VASCONCELOS, José Leite de; SARMENTO, Francisco Martins (2008) - *Uma Excursão ao Soajo em 1882*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.